

UM
JUMENTINHO
NA AVENIDA

[A MISSÃO DA IGREJA E AS CIDADES]

MARCOS MONTEIRO

UM
JUMENTINHO
NA AVENIDA

[A MISSÃO DA IGREJA E AS CIDADES]



Editora Ultimato
Viçosa, MG

UM JUMENTINHO NA AVENIDA
Categoria: Igreja / Liderança / Missões

Copyright © 2007, Marcos Adoniram Lemos Monteiro

Todos os direitos reservados

Primeira edição: Setembro de 2007
Coodenação editorial: Bernadete Ribeiro
Revisão: Heloisa Wey Neves Lima
Capa: Panorâmica Com&Mkt

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Monteiro, Marcos Adoniram Lemos, 1951-

M775j Um Jumentinho na Avenida : a missão da igreja e as
2007 cidades / Marcos Monteiro. – Viçosa, MG : Ultimato,
2007.

184p. 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7779-014-2

1. Missão da igreja. 2. Religião e cultura. I. Título.

CDD. 22.ed. 266

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149
Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

Prefácio

1. Um jumentinho na avenida
2. A missão integral da Igreja e a cultura
3. A dúvida entre “o que fazer” e “como fazer”
4. A cidade de Deus na cidade do homem
5. De profetas e de cantadores
6. A Igreja Evangélica e o Nordeste brasileiro

Notas

Bibliografia

PREFÁCIO

Conheci Marcos Monteiro em 1983, por intermédio do pastor Eliezer Lourenço. Desde então não foi difícil manter a grande amizade que desfruto com Marcos até hoje. Trabalhamos juntos na Visão Mundial Brasil na década de 80. Na mesma época, participamos ativamente do Primeiro Congresso Brasileiro de Evangelização, em Belo Horizonte, MG, e do Congresso Nordestino de Evangelização, em Recife, PE. Especialmente nesses momentos evidencia-se a capacidade do Marcos de mobilizar pessoas, acolher os diferentes, criar condições para o exercício da unidade na diversidade do povo de Deus. Quando ele veio morar em Fortaleza, fui me apropriando de várias disciplinas espirituais praticadas por ele — algumas permanecem em aprendizado contínuo. A radicalidade e o compromisso com que Marcos assume a causa dos pobres têm sido anúncio do evangelho e denúncia, aparentemente involuntária, das minhas práticas ainda reticentes.

Depois Marcos mudou-se para Maceió, AL, e nossos encontros passaram a ser mais fortuitos. Ainda assim, cada momento que passávamos juntos se revestia de confissões, expressão de pensamentos e idéias livres de preconceitos. Ao longo dos anos, nossa

amizade tem se fortalecido. Marcos é para mim um “amigo mais chegado do que um irmão” (Pv 18.24). Alguns dos nossos colegas o chamavam de Marcos Queiroz e a mim de Carlos Monteiro. Esse humor nordestino sempre me pareceu um elogio.

Com Marcos tenho aprendido a apreciar com reverência a experiência de pessoas que moram nas ruas das grandes cidades e a me aproximar delas. Ele se tornou pastor de várias dessas pessoas, nas avenidas de nossas metrópoles. Acredito que é a partir dessa convivência com os estranhos na avenida que ele constrói seus textos e reflexões. Portanto, o que escreve é a sua própria história, formada pelos pedaços de várias outras histórias. Há muitas Marias, Paulos, Benés, Pedros e Josés, há muitas crianças sem nome — com apelido apenas — nos contos e “en-cantos” desse nosso poeta e profeta.

Respeito muito a coerência de vida assumida pelo Marcos. Ele consegue ser profundo na reflexão sem perder sua devoção pessoal e sua prática sociopolítica. De maneira criativa exerce seu pastoreio itinerante pelo Nordeste brasileiro. É um dos pastores na Igreja Batista em Bultrins, Olinda, PE. O pastor Paulo César, um dos membros do colegiado de pastores em Bultrins, afirma:

Para mim, Marcos representa a figura do caixeiro viajante; não tem hora nem dia para chegar, e quando chega sempre traz alguma novidade no seu caçua. Marcos é poeta armorial, a figura do brincante nordestino, que verseja nas suas palavras a lembrança das cantadeiras, dos emboladores e aboiadores, das toadas, loas e repentes cantados nos pátios das feiras livres. Nas palavras de Marcos sempre encontraremos um Toinho, um Zezinho e outros ‘inhos’ que só conhece quem sai por aí soletrando a vida e trazendo sonoridade aos ouvidos dos que conheceram somente o seu lado ruim, o da sua aspereza. A vida do Marcos me traz à lembrança o livro *Lunário Perpétuo*, o mais lido

nos sertões do Nordeste nos últimos 250 anos, segundo Câmara Cascudo. Nele temos de tudo um pouco: astrologia, horóscopo, receitas médicas, mitologia, rudimentos de física, calendários, biografias de santos e de papas, conhecimentos agrícolas, generalidades, instruções para se conhecer a hora pela posição das estrelas, para se construir um relógio de sol etc. Marcos é isto: de tudo tem um pouco (ou muito). E, se certo for que não existe verdade, mas versões, esta é a minha versão.

Prefiro não comentar aqui o que o leitor terá o privilégio de ler nas próximas páginas. Primeiro, para evitar qualquer interferência na sua interação com as idéias do autor. Depois, porque precisamos saber se quem escreve tem o mínimo de autoridade para viver o que propõe. Posso garantir que Marcos é uma das poucas pessoas que dizem muito menos do que aquilo que praticam. Assumo o risco de não ter a aprovação do autor, pois, se o conheço bem, ele espalhará a quantos puder que o Marcos apresentado aqui é invenção minha. Não posso me sentir culpado, pois neste livro ele também cria personagens como Hermenegildo e Zé da Lua, para mim tão reais quanto ele.

Seja Marcos Monteiro, seja o mito que possivelmente tenhamos criado o autor desta obra, recomendo ao leitor que trilhe por estas páginas, em que autor, com leveza e profundidade, busca contextualizar o evangelho sem viseiras, semelhante a *Um Jumentinho na Avenida*.

Carlos Queiroz

Pastor na Igreja de Cristo em Fortaleza

Diretor Nacional da Visão Mundial Brasil

Capítulo 1

UM JUMENTINHO NA AVENIDA

Diante das transformações psicológicas, sociológicas, tecnológicas e culturais que têm ocorrido nas grandes cidades, qualquer pastor, com sua teologia bíblica e sua experiência mística, se sente tão anacrônico quanto um jumentinho puxando uma carroça em plena avenida. Enquanto caminha placidamente em meio à velocidade e ao barulho de motocicletas, automóveis, ônibus e caminhões, ele vai ruminando suas limitações pessoais e arrastando uma carroça (chamada igreja) cheia de objetos velhos e móveis usados.

Fiel e preciso, ele repete as atividades dos jumentos de todos os tempos. O que ele carrega na carroça desperta pouco interesse, mas o seu anúncio anacrônico é triunfalista. Ele expõe dados estatísticos extraídos de pesquisas ultrapassadas para convencer o homem da cidade que não há nada melhor no mundo do que ser um jumento e nada mais moderno que uma carroça.

Sua visão da cidade e do século é propositalmente limitada e pessimista. Com suas viseiras bem ajustadas, ele insiste em

afirmar que o burburinho e a agitação da cidade o impedem de trafegar e que os modernos automóveis à sua volta atrapalham o trânsito na avenida. E assim ele vai seguindo seu caminho, criticando as pessoas por se recusarem a voltar ao tempo das carroças.

Esta reflexão foi escrita por um “jumentinho” que tirou as viseiras, mas manteve sua identidade. O jumentinho não pretende embarcar na onda de pessimismo nostálgico, como muitos dos seus companheiros, mas também não procura esconder, com esforço visível, suas orelhas de asno. Deseja apenas encontrar o seu lugar em meio à complexidade do século em que vive.

Ao tirar a tala que limita a sua visão, o jumentinho passou a observar o que acontecia à sua volta, e isso o deixou inquieto e incomodado. Começou a fazer perguntas, e com isso passou também a inquietar e a incomodar os outros. Aos poucos ele foi percebendo que tinha mais perguntas que respostas, mais perplexidades que soluções. O jumentinho trafega dialeticamente. Empurra e é empurrado, atrapalha e é atrapalhado, provoca e é provocado em meio à complexa realidade da avenida.

De repente ele percebeu que a cidade não era feita só de avenidas e que existiam outros jumentos, puxando outras carroças não eclesiásticas. Então, ele deixou a avenida e passou a rumar através de caminhos, ruelas, vias de chão batido apinhadas de barracos, casebres e favelas. Seu interesse foi aumentando e ele começou a descobrir que os trastes de sua carroça, que muitos consideravam inúteis, eram objetos preciosos para um enorme contingente de pobres que, para sua surpresa, constituíam a maior parte da população de sua cidade.

Ao andar por esses novos caminhos, ele reafirmou sua identidade e reencontrou a alegria e a dignidade de ser jumento. No entanto, a lembrança da avenida ainda o incomodava e, apesar do novo sentido, surgiram algumas perguntas. O que fazer com a avenida? Como resolver os problemas de tráfego? O que fazer

com o século 21? Deveríamos voltar ao tempo em que os jumentos podiam caminhar tranquilamente pelas ruas? E a carroça? Deveríamos motorizá-la? Será que ele precisaria deixar de ser jumento e se transformar em um daqueles carros da Fórmula Um para chamar a atenção na avenida?

As respostas a essas perguntas não são tão óbvias assim e nos convidam a uma humilde reflexão. Esperamos com isso contribuir com aqueles que desejam repensar a Igreja para então refazê-la dentro da realidade das nossas cidades.

Maceió, parábola do planeta

— Você precisa ir embora. Não pode ficar aqui. Não tem chance nenhuma. Quer se casar, engordar, ficar batendo papo nos cafés e nas esquinas? Esta cidade mata. É uma areia movediça. Você tem que ir embora.¹

Maceió, uma cidade do Terceiro Mundo, capital de um dos Estados do Nordeste brasileiro, nos permite visualizar o que está acontecendo hoje em nosso planeta. Os bairros de elite remetem aos países do Primeiro Mundo, e estão minados pela invasão de barracos e casebres. Por outro lado, os imensos bairros populares, que representam os países do Leste Europeu, estão cercados pela constante ameaça das favelas (o Terceiro Mundo), e pontilhados, aqui e ali, por algumas casas luxuosas, marcando a presença das elites dominantes nesta cidade de 700 mil habitantes.

Nela encontramos todos os problemas do nosso século, da prostituição à ameaça ambiental, da criança de rua à violência institucional. E também todas as vantagens do mundo atual: do *shopping center* ao microcomputador, da antena parabólica ao carro do último tipo.

As mudanças e convulsões que atingem toda a humanidade também são captadas por esta cidade-síntese. A paralisia e a

indefinição ideológica que imobilizaram o mundo com a implosão do Leste Europeu, o rápido e conflituoso processo de urbanização mundial, provocando a favelização e a anomia, estão ali representados, com a vantagem de se apresentarem em proporções observáveis.

Esta bonita cidade praieira, com suas belíssimas lagoas que tornam qualquer pôr-do-sol um espetáculo único, nos faz lembrar que a graça e a misericórdia de Deus se renovam na brisa, no brilho, no calor e na beleza de cada manhã. Ser pastor e ser igreja numa cidade como essa é um privilégio, mas é também um desafio, além de oferecer uma oportunidade inestimável de crescimento. Por isso, não podemos adotar uma postura pessimista diante das mudanças que presenciamos.

O fenômeno da urbanização tem demonstrado que é um processo irreversível. Cada vez mais as pessoas filtram a sua experiência de mundo pela vivência nas cidades. Isso não só é inevitável como determinante da nossa experiência. O teólogo Harvey Cox disse, algumas décadas atrás:

Em nossos dias a metrópole continua sendo modelo de nossa vida em comum, tanto como símbolo de nossa concepção de mundo. Se os gregos percebiam o cosmos como uma polis extensa, e o homem medieval como uma área feudal ampliada ao Infinito, experimentamos o universo como a cidade do homem.²

No entanto, apesar de irreversível, esse não é um fenômeno neutro, pois traz em seu rastro as patologias do século, que geram lesões irreparáveis tanto no tecido emocional como no social dos homens e das cidades. Entre essas patologias encontram-se, conforme Konrad Lorenz, a solidão, a ausência de relacionamentos profundos entre as pessoas e até mesmo a violência:

O ajuntamento humano nas cidades modernas é, em grande parte, o responsável pelo fato de que não somos mais

capazes de descobrir o semblante do próximo na fantasmagoria das figuras humanas que mudam, se superpõem e se apagam continuamente...³

A superpopulação não só leva indiretamente a fenômenos de desumanização pelo esgotamento das relações, como também desencadeia comportamentos agressivos imediatos.⁴

Nesta cidade, igual a tantas outras do nosso país, o mundo religioso também se estabelece de forma parabólica. O misticismo oriental, as crenças esotéricas, as religiões animistas, as diversas seitas e o cristianismo em suas versões católica e protestante ocupam o imaginário simbólico e devocional da população local, como acontece em todo o mundo.

A Igreja, de igual forma, repete aqui a história e a geografia do desenvolvimento tenso e crítico dessa comunidade universal que se move em torno de um mesmo Jesus, de um mesmo Pai e de um mesmo Espírito. Igrejas carismáticas disputam espaço (e fiéis) com as igrejas tradicionais. Os movimentos jovens, os musicais com ritmos modernos, os movimentos evangélicos, teológicos, políticos e ecumênicos ajudam a compor o mosaico da Igreja atual. Cruzadas evangélicas, reuniões nos lares, grupos de estudo bíblico, programas de rádio e TV constituem os métodos dessa mesma Igreja. As Comunidades Eclesiais de Base e o Movimento Católico Carismático são as pontas entre as quais se move o pedaço ainda maior representado pela Igreja Católica Romana. Por tudo isso, Maceió é como um pequeno e potente telescópio que nos permite observar o mundo inteiro.

A questão que se coloca é o que significa ser pastor e ser Igreja nesta cidade tão parecida com tantas outras cidades do Terceiro Mundo. Encontrar os instrumentos adequados para responder a essa pergunta talvez signifique preparar-se para mudar sem perder a identidade ou, para ser mais preciso, mudar para manter a identidade.

“O Deus do rico não é o Deus do pobre”

O primeiro e principal instrumento que a Igreja tem nas mãos é o teológico. É no silêncio da voz teológica que a ansiedade e a perplexidade da Igreja extravasam em gritos e gemidos. A teologia fornece alguns aspectos indispensáveis ao pastor e à Igreja que desejam se posicionar na cidade e oferece respostas para as dúvidas e inquietações que acompanham aqueles que se movimentam.

A teologia bíblica apresenta três momentos que muitas vezes se confundem e se sobrepõem: a rejeição da realidade, a revolução da realidade e a revelação da realidade.

O primeiro momento é a rejeição imediata da realidade tal como a percebemos. Essa é uma característica de toda reflexão, mas de forma especial da reflexão teológica. Para o teólogo (que também é um pensador) as coisas não são o que aparentam ser e as realidades não são fechadas em si mesmas — são enigmas e proposições que revelam e escondem, ao mesmo tempo, o objeto dado. O teólogo não rejeita a realidade em seu próprio nome ou em nome de alguma ciência, propósito ou causa — ele a rejeita em nome de Deus.

Mas a teologia é também um incessante e incansável revolver da realidade. Além de rejeitar, ela procura descobrir a verdade escondida atrás das aparências. Para tanto, utiliza, junto com a Bíblia, os recursos oferecidos pelas ciências humanas. A teologia se faz através de um trabalho paciente e contínuo sobre o material bruto fornecido pela vida. É a difícil tarefa de sobrepor-se ao engano das falsas evidências.

Por último, a teologia não só rejeita e revolve, mas também desmascara o mistério escondido por trás das aparências e contido na essência das coisas. Rejeita a aparência, busca o auxílio das ciências, mas continua sua caminhada em busca das realidades

últimas, procurando identificar e demonstrar a misteriosa ação de Deus em meio à história dos homens e à proposição das coisas. Esse mistério, revelado plenamente na pessoa de Jesus, faz com que a teologia seja, acima de tudo, uma reflexão bíblica.

A Bíblia inteira está intimamente relacionada à pessoa de Jesus, revelação máxima de Deus, evento supremo da história. Por isso, nossa porta de entrada das Escrituras é o próprio Jesus. Isso nos impede de cometer erros, tanto de um liberalismo cético quanto de um literalismo redutor.

A partir dessa ótica, o Antigo Testamento pode ser estudado como a história e a teologia do povo de Jesus, em que a esperança da vinda do Messias ocupa lugar fundamental, e também como a Bíblia do próprio Jesus. O Novo Testamento por sua vez deve ser entendido como o encontro da história e da teologia de Jesus com a história e a teologia da comunidade de Jesus (a Igreja). Assim, Jesus, a Palavra de Deus encarnada, ilumina toda a Bíblia e a torna relevante para todos nós.

Isso faz da teologia uma atividade subversiva, ao propor mudanças fundamentais nos esquemas em que vivemos. Eternamente insatisfeita, permanentemente crítica, a teologia é o terror dos tiranos, o cansaço dos cientistas e uma ameaça para todos os sistemas, inclusive os religiosos.

A teologia praticada no nosso século é inadequada e inconsistente, tanto na forma como no conteúdo. Ela é insuficiente na forma por não rejeitar a realidade tal como se apresenta, não revolver essa mesma realidade com os instrumentos científicos de análise e não demonstrar (ou demonstrar apenas parcialmente) o mistério de Deus na história.

Um exemplo disso é o modo como a Igreja aborda a si mesma e à cidade. A Igreja percebe a cidade como fruto de um processo histórico contínuo e como uma extensão geográfica do campo, ou seja, algo perfeitamente natural e harmônico. Isso significa

que a Igreja não sabe observá-la. A cidade atual representa uma descontinuidade, fruto de uma ruptura histórica e geográfica. A urbanização nos países do Terceiro Mundo acontece tão rapidamente que as cidades se transformam num câncer histórico não planejado, chegando mesmo a se assemelhar visualmente a um tumor cancerígeno:

A imagem histológica das células tumorais, completamente uniformes e pobres em estruturas, tem semelhança desesperadora com a fotografia aérea de um subúrbio moderno, com suas casas padronizadas projetadas por arquitetos desprovidos de uma real cultura, fruto da concorrência apressada.⁵

O discurso da Igreja, exposto em suas liturgias, sermões e hinos, transmite uma falsa idéia de convivência fraterna entre a cidade e o campo. Há entre o mundo rural e o urbano um fosso geográfico que se traduz num abismo cultural cada vez maior. Esse abismo, não captado pela Igreja, impede-a de perceber as suas próprias contradições e inadequações.

A reflexão teológica da Igreja acerca de si mesma reflete a sua própria situação formal e interfere na percepção da realidade circundante. Na verdade, a Igreja elabora sua auto-imagem a partir de suas estruturas e imagina o mundo a partir de sua auto-imagem. Assim como sua estrutura é fracionada, sua teologia é denominacional e fragmentária. Por não experimentar uma unidade formal, ela não se vê como uma única Igreja, nem trata a cidade como um todo complexo, mas como uma série de pedaços separados e estanques.

Torna-se cada vez mais evidente o fato de que uma teologia denominacionalista, e, portanto fragmentária, não resolve definitivamente as questões do cristão que vive nas cidades. Uma das características principais da cidade é a facilidade de acesso e uma das características da igreja é a sua diversidade de formas e modelos.

O cristão urbano está em contato permanente com várias expressões da igreja e com irmãos de diferentes igrejas. Desse modo, ele tem experimentado na prática a realidade de uma única Igreja, porém na igreja local procuram ensiná-lo a celebrar as divisões. É preciso muito discurso para fazer o recém-convertido entender que ele é diferente dos irmãos de outras igrejas. O discipulado da fragmentação tem tomado o lugar do discipulado da unidade.

A unidade é a forma da Igreja dada pela revelação bíblica; a fragmentação é a forma que a realidade dá a Igreja. Uma teologia que aceita essa realidade sem revolvê-la e sem descobrir o mistério da unidade que está além de toda aparência é impotente para servir à igreja e falha em sua reflexão, por fazê-la parcial e fracionadamente. Conseqüentemente, a estrutura divisionista da Igreja se mantém contra toda a realidade teológica, resultando em permanente tensão.

O conteúdo de nossa reflexão teológica se relaciona muito mais a uma teologia de classe média do que a uma teologia bíblica. O Deus que apresentamos nos púlpitos de nossas igrejas é um Deus que não se posiciona e um Cristo que não toma partido. Esse tipo de pregação mantém as igrejas omissas e passa ao largo das questões que afligem a cidade.

Numa visita a um irmão, recém-convertido, morador de uma das favelas próximas a nossa igreja, ouvimos esta história exemplar:

Ao entregar um quilo de carne na casa de um deputado, um açougueiro avistou a mesa posta para o café da manhã, com tudo que podia imaginar.

— Mesa farta, doutor! — disse o açougueiro.

— Graças a Deus! — exclamou o deputado.

— É, doutor — replicou o açougueiro —, o Deus do rico não é o mesmo Deus do pobre. Na minha casa, quando tem pão

falta manteiga e quando tem manteiga, falta pão. Por isso, doutor, o Deus do rico não pode ser o mesmo Deus do pobre.

A teologia bíblica nos apresenta um Deus que toma partido e um Jesus Cristo que se envolve ativamente com a realidade que o cerca. A face distintiva de Javé, no Antigo Testamento, é a sua justiça, que o faz tomar o partido do pobre, do oprimido e do marginalizado. Muitas vezes esse Deus bíblico faz ressoar a sua voz na cidade e age claramente ali, apesar da Igreja e de sua teologia. Sempre que surge uma reivindicação, um clamor ou uma luta na cidade, Deus está presente, não para apaziguar os ânimos ou acomodar as coisas, mas para tomar o partido dos injustiçados, dos empobrecidos e espoliados. Por isso a participação da Igreja em clamar por justiça é uma tarefa essencial; quando isso não acontece a Igreja peca por omissão.

De modo semelhante, o Jesus da Bíblia é diferente do Cristo dos púlpitos. O Novo Testamento nos apresenta um Jesus que se compadece e se envolve com as pessoas, que enfrenta e confronta. Sua posição é claramente favorável ao pobre, ao oprimido e ao marginalizado, contra o rico e o opressor. Qualquer leitura clara dos evangelhos nos apresenta a figura de Jesus tomando o partido dos pequeninos e sendo visto com desconfiança pelos poderosos e dominadores, muitas vezes confrontados por ele duramente.

Sem dúvida alguma, nós refletimos no púlpito a cisão artificial entre o Cristo da fé e o Jesus da história, provocando assim um abismo entre fé e vida, fé e história. Nada é mais evidente na cidade do que uma igreja que não se envolve com ela, e nada é mais evidente na Bíblia do que um Jesus envolvido, participando ativamente de sua época e história.

A Igreja precisa assumir imediatamente o Deus e o Jesus dos pobres, a fim de servir mais claramente à cidade. É bom lembrar que, ao tomar o partido dos pobres, Jesus não os